

Uma Lacuna Geográfica

Júlia C. L. de Vasconcelos

Na fisionomia multiforme da crosta terrestre, opulenta nas suas alternativas de maravilhas e mistérios, nenhum acidente físico, mais do que os rios, assume expressão de tão alta relevância no tocante ao desdobramento dos ciclos de seu destino, talhado a uma finalidade útil.

Examinados no seu conjunto, em qualquer mapa geográfico, lembram, por seus meandros caprichosos e curvas irregulares, esgarçado tecido de fios azulados ou a nervura intrincada das milhares de veias de que se reveste o corpo humano.

Assim, uns, de pequeno curso, quase imperceptíveis, como os *ueds* argentinos, ou as *ravinas* do nordeste brasileiro; outros, destacados, como as veias do coração.

Os últimos figuram até no mais insignificante globo geográfico.

Os rios que realmente se distinguem pela extensão, profundidade, volume, largura, regimen, distanciam-se da vulgaridade dos outros acidentes e operam mutações consideráveis no cenário da vida das nações.

Para os rios dessa natureza, não raro convergem vistas tendenciosas a monopolizá-los ao serviço de seus exclusivos fins expansionistas.

São muitas vezes, por essa importância de que se revestem, o "pomo de discórdia" nas partilhas territoriais ou o frequente pretexto para o desequilíbrio da política internacional, cujo ritmo se torna insuficiente para o impulsionamento da máquina do capital e do trabalho, — des-

sas forças que, articuladas simultaneamente, asseguram o florescimento econômico de uma nação.

Avoluma-se o livro da história dos rios, frequentemente referido de episódios lendários, à medida que se multiplica o número de possuidores das terras ribeirinhas.

Se o Volga, de águas calmas, se destitue de valor histórico, dada a sua contingência de ter sido sempre um bem exclusivo do ex-império dos tsares, o Danúbio, matizado de pavilhões simbolizando desigualdades étnicas, encerra, na verdura de seus vinhedos ou nos cimos de seus alcantís, singulares narrativas de porfiadas lutas das diferentes migrações que se estabeleceram às suas margens.

Com efeito, cada palmo de margem, partilhada entre muitos, é atestado mudo de uma época evocadora de choques sangrentos e de desvários humanos.

Desde a mais alta antiguidade, são eles os braços da civilização, enlaçando, nas suas curvas e volteios, grande parte dos interesses sociais.

É que representam o alimento, o transporte, a força a prosperidade, a vida.

Adubam os campos, de cujo solo brota, em fartas messes, a verdura dos cereais; ampliam a rede de circulação dos produtos, aproximando povos diferentes em tradição e raça, e, oferecendo ao homem horizontes mais vastos ao seu desenvolvimento, atraem, às suas terras ribeirinhas, os grandes núcleos de densidade demográfica.

Não é demasiado repetir que a vida humana é uma estreita dependência da vida dos rios e que à sua fímbria fertilizadora floresceram as civilizações.

A China, a Índia, a Babilônia, a Assíria, o Egito testemunharam o esplendor da sua grandeza nas flutuações do Azul, Ganges, Tigre, Eufrates e Nilo.

E independente das condições vitais e das múltiplas atividades que absorvem os habitantes de suas terras adjacentes, encarados pelo lado estético, os rios emprestam viveza e colorido à paisagem, cujo encanto esmaece, em expressão e frescura, se lhe faltar, como complemento do quadro, a moldura das águas.

Passou, entretanto, o tempo de cogitação das coisas belas, passou a fase das lendas que envolviam de misterioso encanto o fio d'água deslizando da encosta, ou a lâmina de cristal procedente da quietude do lago.

A feição do século XX já não comporta o idealismo

de analisar o rio pela face colorida de duplo refletor da turquesa do céu ou dos verdes tons da vegetação primaveril.

Raros são hoje os Wilhelm Ruland, os Karl d'Ester, os Engelhard, os Himly, Paquet, Fourtoul, Vitor Hugo, com suas descrições poéticas do Reno, Danúbio, Ródano, Elba, realçadas, muitas vezes, pelo poder mágico de imaginações criadoras.

Em vez da contemplação do Drachenfels — a solene parada dos dragões persas, ou do Mäuseturn —, com a evocação fugidia do arcebispo de Hatton e de outras alegorias e "lieder" adormecidos nas ameias das velhas torres feudais, o espírito utilitário da época se volta, de preferência, para as manchas negras de combustível do Ruhr ou para as instalações poderosas de Friedrichshafen.

A fantasia cedeu lugar ao raciocínio, que confronta, pesa, mede e deduz as possibilidades do rio, de cuja queda d'água determina a capacidade produtora, bem como o seu raio de ação como força geradora da eletricidade, indispensável ao conforto e à técnica moderna.

O espetáculo das águas caindo em turbilhão pela anfratuosidade da rocha é menos uma maravilha digna dos olhos do artista do que um forte apelo da natureza aos empreendimentos industriais.

Quanto mais vasto é o campo da utilidade, em cuja arena se entrechocam os interesses mais complexos, de natureza lucrativa, tanto mais persistente é o sonho de conquista de novos escoadouros, que elevam o nível dos domínios comerciais.

Aponta-se exemplo, mesmo em terras americanas, da aspiração à posse de portas para o mar em trechos de rios, mormente quando esses garantem um patrimônio cuja validade não admite contestação.

A duplicidade de seu litoral, longo e mais ou menos rico em chanfraduras, não impediu que a Colômbia correspondesse ao aceno tentador que lhe fez, lá do sul, o rio de Orellana, serpejando, já bem largo e profundo na exuberância da floresta equatorial.

E em Letícia viu a nação colombiana a alviçareira garantia de ótimo porto fluvial, a serviço de uma zona central ainda não suficientemente beneficiada pelos recursos da civilização.

Ponto de vista também de caráter lucrativo, teve-o

a Bolívia por ocasião das negociações diplomáticas com o Brasil, relativamente ao tratado de Petrópolis de 1903.

Com sua visão clara e segura, não se deixou empolgar o vizinho país andino pelas vantagens oferecidas no momento presente.

Fixando as bases de uma política externa, inteligentemente compreendida e de alcance futuro, a Bolívia preferiu que o Brasil lhe cedesse, embora distantes dos seus centros movimentados, pequenos trechos de terras como o triângulo Abunã-Madeira, nas divisas com o estado do Amazonas. Está situado no extremo norte da Bolívia, numa região em que domina a floresta tecida de espessa cortina de cipós e lianas, atestando o vigor da natureza tropical.

Que importa a exiguidade territorial desse triângulo, com os seus indecisos traços de civilização, insulado — por assim dizer — no verde vivo dos igapós americanos?

É que, do vértice daquela configuração geométrica, emoldurada de rios, a república mediterrânea avistou muito além — por sobre a massa coleante de portentosos tributários — a chave do oceano, desse Atlântico imenso, pontilhado de unidades mercantes, que disputam, num intercâmbio febril, a vitória de seu pavilhão na supremacia econômica dos mares.

Prevaleceu igual orientação na região em que a Bolívia tem as suas fronteiras com o nosso estado de Mato-Grosso.

Uma de suas exigências foi a cessão do pequeno território alagadiço chamado Baía-Negra, o qual constitui válvula magnífica de saída para o oceano, via Paraguai-Paraná.

Em suma, “os caminhos que andam”, no conceito de Pascal, são os mais importantes acidentes geográficos, por que, em torno deles, gira parte dos interesses dos povos, que aspiram e lutam pelas conquistas dos mesmos ideais de supremos condutores dos mais aperfeiçoados moldes de civilização.

Nas esferas da geografia, o século XIX caracterizou-se pela exploração dos rios, cujos conhecimentos deviam estender-se às cabeceiras.

Para esse fim, as nações organizaram expedições

aparelhadas de instrumentos e de celebridades nos mais, variados departamentos do saber.

A Inglaterra, alimentando o sonho de tornar-se uma potência marítima, já possuidora de várias colônias em diferentes continentes e latitudes, ampliou ainda mais o círculo dos seus domínios de além-mar, assinalando novas conquistas, que, satisfatoriamente organizadas no ponto de vista material, floresceram sob a sua bandeira protetora.

Graças ao seu fino tacto em administrar povos tão diferentes em sentimentos e crenças, conduziu com rara habilidade os seus súditos pelo caminho da ordem, da liberdade e da justiça, sem prejuízo do exercício de sua soberania.

O século dezenove representa o início do seu esplendor no que diz respeito às expansões coloniais. Dezenas de nomes ilustres poderiam mencionar-se como heróis da gloriosa epopéia das explorações no coração da América do Norte, África e Ásia, cujos mistérios permaneceram por muito tempo velados aos europeus, exceção feita à raça lusa, que, perseverante e audaz, já conhecia, desde os ensaios no promontório de Sagres, a fímbria dos litorais, sobretudo do africano, então aproveitado para a instalação de postos avançados de segurança material aos que se aventuravam às terras longínquas de Malabar e Ceilão.

Os rios, antes de tudo, focalizaram a atenção dos exploradores pelas vantagens que ofereciam como linhas de penetração, transformadas para os estranhos bandeirantes em excelentes roteiros de suas pesquisas científicas.

O escocês Mungo Park levantou, na aurora do século XIX, o véu da exploração da África, seguindo-se-lhe uma legião de sábios, muitos dos quais pagaram com a vida o preço da audácia, cuja finalidade visava, de preferência, o enriquecimento da ciência.

Procurando remontar às origens do Zambeze, Daví Livingstone — missionário também escocês — localizou, com exatidão, a sua nascente, cabendo ao suíço Zweifel e ao francês Moustier igual tarefa quanto ao Niger, um dos mais extensos rios daquele continente.

A determinação precisa da nascente do Nilo constituiu um problema de difícil solução nos anais dos descobrimentos da África.

Sem falar nas investigações do quédive Mehemet-Ali

auxiliado por sábios franceses, opinavam alguns que o referido rio teria as cabeceiras na região de Kaffa, na Abissínia; segundo outros, Bahr-el-Gazal, hoje considerado como seu afluente, seria o verdadeiro Nilo.

Tão acurados foram os estudos e observações desse rio, cuja história se prende à de quase toda a antiga civilização, que nenhuma dúvida paira sobre qualquer minudência de uma das três seções de seu curso.

Assim, é hoje em dia sobremodo fácil aos autores de compêndios a descrição integral de sua bacia, acrescida da vantagem de supressão das citações fastidiosas ou das opiniões divergentes — processo deveras condenável nos livros didáticos de qualquer natureza.

Quanto ao rio Congo, não obstante pacientes os estudos de Livingstone relativamente à sua procedência, que afirmava ser no lago Tanganica, ficaram indecisos e até mesmo contestados, dado o seu visível desacordo com algumas leis que regem a ciência geográfica.

Mais tarde, numa de suas sucessivas viagens de exploração, Henry Stanley — inglês nato e norte-americano de adoção — subiu corajosamente o rio e, enfrentando as selvas, selvagens, *rápidos* e cachoeiras, finalizou a sua missão de maneira brilhante. Stanley verificou que o Luapula é a corrente-*mater* do grande rio. Coube-lhe a glória de ter decifrado um dos mais complicados enigmas da hidrografia africana.

O Yang-tse-Kiang, o rio mais extenso da Ásia, tido pelos antigos geógrafos franceses como "le fils aîné de la mer", apesar de longinquas, as suas nascentes não constituem objeto de divergência entre os autores de geografia.

A referência de Ch. Vogel às duas artérias que ele considera *os soberanos dos rios*, levando em conta o colossal volume d'água e a amplitude das bacias, é aplicada aos maiores tributários do Atlântico, ambos pertencentes, para vaidade dos americanos, ao hemisfério ocidental: MISSISSIPPI e AMAZONAS.

Ao espírito sonhador dos filhos de Castela, atraídos pela visão illusória de um Eldorado lendário, não se afigurou um feito notável o de Hernando de Soto descobrindo, em 1520, as nascentes do Mississippi, no lago Itasca, próximo à fronteira canadaense.

Empenhados em outros objetivos que lhes deslum-

bravam a imaginação, menos sequiosa de conquistas e de glórias do que da posse material do ouro fascinante, os espanhóis não fizeram a divulgação merecida dos frutos obtidos pela expedição de 1520.

No entanto, os seus resultados tiveram cabal confirmação no século XIX, após investigações e estudos de notabilidades científicas, salientando-se os do eminente americano H. Schoolcraft, em 1832.

Do breve esboço descritivo das explorações dos rios, cujas cabeceiras as mais iluminadas nações se esforçaram em descobrir, ressalta, nesse ramo de conhecimentos técnicos, a posição de contraste em que se acha a América do Sul.

No que diz respeito às suas particularidades potamográficas, as falhas são sensíveis.

Aliás, sua hidrografia bem poderia resumir-se, com exceção de um ou dois outros rios, numa só artéria gigantesca, nessa incomparável bacia que, por privilegiadas condições naturais, deixa na insignificância qualquer outra do continente, embora seja essa de relativa importância dentro das fronteiras de seu país.

A grande árvore hidrográfica, quiçá a mais esgalhada do globo, abrangendo uma área de quase dois terços da América do Sul; a incalculável muralha líquida que se despenha lá das *punãs* andinas e se vem avolumando à medida que recebe o concurso de tributários tão caudalosos e extensos como os mais extensos da Europa; o rio que serpenteia entre um labirinto intrincado de ilhas, *furos*, lagos e igarapés sombreados pelo viço da flora mais opulenta do globo; o rio que arrasta, no seu formidável trabalho de erosão, massas colossais de sedimentos que a ficção, mais do que a ciência, quer impelir como material de construção aos litorais rendilhados da Geórgia e Carolinas; “esse mundo d’água amazônico, meio misterioso, meio lendário”, no conceito do autor de “Na Planície Amazônica”; esse rio internacional—por excelência—, que o poeta chamou o “rival do oceano”, esse rio Amazonas, quase todo brasileiro, ainda não tem as suas cabeceiras precisamente determinadas.

A expedição anglo-americana organizada por J. Campbell Besley, procurando as nascente do grande rio, pe-

ruano de origem, afirma ter encontrado no rio Vilcanota (que não é outro senão o Ucaiale) as verdadeiras fontes do Amazonas. Segundo as suas pesquisas, as cabeceiras do Vilcanota ou do Amazonas ficam no altiplano chamado Telhado do Mundo, na região andina de La Raya, no extremo meridional do Perú.

Divergem as opiniões. O Prof. Honório de Sousa Silvestre, num bem elaborado trabalho que apresentou à Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, externa os seguintes conceitos:

Geographos ha que outorgam ao rio Ucayali as honras de ser o curso fluvial em cuja parte superior estão as nascentes do rio Amazonas.

E' louvabilissima asserção de valor scientifico, mas não podemos aceita-la por alguns motivos, entre os quaes se nos antolham ofacto do rio Ucayali não estar na direcção do eixo hydrographico da bacia do Amazonas, visto este ir mui além do Pongo de Manseriche, onde conquista o rumo do septentrião ao austro até as ribanceiras paludosas do lago Lauri: cavidade limnica de certo valor e tamanho em cujas margens abruptas nos apparecem pelo afloramento abundantes rochas sedimentarias e eruptivas, estas oriundas dos vulcões culminantes nos pontos hypsographicos.

Em outra página do referido estudo, diz esse illustrado geógrafo brasileiro:

«No lago Lauri (Lauricocha) nasce o rio Amazonas com a denominação de rio Tunguragua e debaixo desta singular rubrica flue até o Pongo de Manseriche; toma o qualificativo de rio Marañon até as divisas limitrophes do Brasil e Perú.»

Muitos são os autores de compêndios que se conservam fiéis a essas convicções.

A vantagem de ser o Vilcanota mais extenso do que o Maranhão não basta para se chegar à conclusão de que o fio d'agua oriundo da região de La Raya seja, com efeito, a nascente do rio Amazonas. Outros fatores de mais importância, destacando-se os de natureza geológica, prevalecem e são levados em consideração para o esclarecimento de tais verdades científicas.

Preparava-se, em Espanha, a expedição Iglésias, que se destinava ao Perú, com o objetivo de solucionar a

questão. Surge a conflagração espanhola. Nesse tempo, por volta de 1936, o monstro da guerra, de fauces hiantes, devorou populações e iniciativas também.

A civilização da América do Sul já não permite pontos de interrogação em sua geografia. Cumpre afastá-los. Nesse sentido, poderia ser de significativa importância a atuação do nono Congresso Brasileiro de Geografia, a reunir-se a 7 do corrente, em Florianópolis.

(Rio, Setembro de 1940.)
